



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de Marília



**CULTURA  
ACADÊMICA**  
*Editora*

# As mulheres deficientes frente à diversidade e o novo milênio

Mary da Silva Profeta

**Como citar:** PROFETA, M. S. As mulheres deficientes frente à diversidade e o novo milênio. *In:* MANZINI, E. J. (org). **Educação Especial: temas atuais.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2000. p127-140. DOI: <http://doi.org/100.36311/2000.85-86738-15-8.p127-140>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

# AS MULHERES DEFICIENTES FRENTE À DIVERSIDADE E O NOVO MILÊNIO

Mary da Silva PROFETA<sup>1</sup>

O texto *As mulheres deficientes visuais frente à diversidade e o novo milênio* surge para reflexão, análise e conhecimento da problemática que elas enfrentam, na busca de possibilidades para sua auto-realização, *para minimizar* a discriminação, *o* preconceito e *a* exclusão dominantes na sociedade brasileira. Por meio de relatos de vida, auto-biografia, artigos e entrevistas, elas contribuíram com este texto, esclarecendo sobre a forma de vida com qualidade e competência com as quais interagem nos diferentes segmentos: família, escola, trabalho e sociedade. No decorrer deste, apresentaremos uma breve retrospectiva histórica do que a deficiência visual *provocou* desde séculos passados, contextualizando também os dias atuais. Diversas culturas nos levam, ao longo dos tempos, a fazer uma análise sobre a vida da mulher deficiente visual, essa mulher que sempre inquietou o mundo no âmbito das culturas mais antigas. Mesmo havendo poucos dados sobre o assunto, os consultados para este trabalho convergem para o mesmo ponto: as mulheres deficientes vivem um longo e duradouro processo de discriminação, desvalorização e de exclusão social.

Para Goffman (1982, p. 11-2) a discriminação e exclusão são estigmas, atributos profundamente depreciativos para muitas categorias de pessoas marcadas com algum sinal corporal que as diferencie das tidas como normais.

A sociedade estabelece meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados comuns e naturais para membros e cada uma dessas categorias. Os ambientes sociais estabelecem as categorias de pessoas que têm probabilidade de serem neles encontradas.

Os séculos XVII e XVIII foram marcados pela conduta comum de exterminação dos deficientes, nas cidades de Esparta e Atenas, na Grécia e,

---

<sup>1</sup> Docente do Departamento de Educação Especial da Faculdade de Filosofia e Ciências - UNESP - Campus de Marília, São Paulo.

isso marcou o início do século XIX, embora, com menos requinte de crueldade. Belarmino (1997, p. 35-6) menciona as tragédias naquelas cidades gregas. Sabe-se que foi um período em que os *imperfeitos* eram jogados por seus pais, nos precipícios; eram vendidos como escravos, colocados em vasos de barro e deixados às margens dos caminhos e também abandonados na mata.

A idéia da cegueira sempre esteve associada à morte. Isso predominava no imaginário de algumas culturas, tanto que na linguagem rábina dizia-se: *O homem cego é como morto*.

Na dizimação dos estigmatizados, estavam as meninas cegas e, desde então, as mulheres vivem períodos difíceis; mesmo com o passar dos séculos, embora não sejam jogadas de penhascos ou vendidas, são, em muitos casos, abandonadas à própria sorte. Mesmo nos dias atuais, em lares nos quais nasce uma menina cega ou há alguma com perda de visão, abate-se a tragédia. As famílias se desestruturam, se desesperam diante da evidência nunca imaginada. É uma desgraça, uma maldição, um castigo que atormenta a todos e, logo começam a procurar razões, culpados e, nesse conflito, famílias se desfazem porque, para o homem, a imperfeição é culpa da mulher. Só a sua constituição genética pode causar tamanho infortúnio.

As perdas visuais ocorrem nas mais diferentes faixas etárias e patologias; quando diagnosticada como perda irreversível, manifestam-se todos os transtornos mencionados e por isso a família, inconscientemente, pode agir como o primeiro agente de discriminação.

Passado algum tempo, as famílias que permanecerem unidas de alguma forma buscarão atendimentos para suas filhas. As meninas que, apesar da deficiência, tiverem o privilégio de nascerem em lares de pais informados a respeito de centros de atendimentos, perderão menos, enquanto outras, sobreviverão anos e anos sem conhecerem as possibilidades de aprendizado.

É no começo do século XIX que nasce a maior preocupação das mulheres com suas filhas, deficientes ou não. Mas o preconceito as levava à morte social. Sair do abismo era um processo muito difícil e doloroso.

O legado das mulheres pioneiras que ousaram enfrentar desafios na questão de gênero é assimilado pelas mulheres cegas que, unidas ou isoladamente, buscam melhores condições para sobreviverem em uma sociedade machista, moralista e preconceituosa. Na realidade, alguns desses movimentos são iniciados pelas mães das meninas cegas que peregrinam pelos jardins de

infância, incansavelmente, até encontrarem um que aceite a sua filha, facilitando a sua vida no sentido de abrir-lhe possibilidades de interação com crianças da mesma faixa etária, num processo contínuo de desenvolvimento.

No Brasil, as mulheres cegas, depois de uma longa jornada de reivindicações, para não serem abandonadas à própria sorte, começaram a ver os resultados. Entre essas mulheres, algumas tiveram destaque e, por isso, serão citadas nesse trabalho como exemplos de perseverança para adquirirem respeito e valorização. Não havemos de dizer que a mulher cega deseja ser respeitada e valorizada como as demais, porque as outras também não o são. Isso seria mascarar uma realidade cruel que se nos apresenta a todo o momento, como mulheres, bastando para tanto, que estejamos fora dos padrões determinados socialmente.

Nowill (1996, p. 7) reforça a luta das mulheres cegas com o seu exemplo de perseverança e relata um pouco de sua vida e a árdua batalha para ter suas conquistas escolares, profissionais, familiares e muito mais na busca de recursos especializados para os cegos do Brasil. O fato de ter nascido no seio de uma família de posses foi determinante para que estudasse em boas escolas particulares, freqüentasse a elite paulistana, tivesse excelentes amigos e, ao perder a visão aos dezessete anos, não encontrasse dificuldade para imediatamente se alfabetizar pelo sistema Braille. Nowill é a primeira mulher cega brasileira que iniciou lutas incansáveis em benefícios dos cegos e com um carinho especial para as mulheres.

Ela acredita que não sucumbiu à perda visual e consegue ter ânimo para realizar tudo o que realiza, devido à sua religiosidade e fé em Deus. As manifestações de Deus, que as pessoas interpretam como casualidade, ela as chama *Providência Divina*. Movida por esta fé, não teve um minuto de desânimo e nem permitiu que sua família se prostrasse sem ação ao ter o diagnóstico de cegueira fechado pelos médicos que procurou. Foram os melhores especialistas do país. Onde diziam que havia um que poderia curá-la, lá estavam ela e seus pais. A fé não a impediu de aceitar alternativas de cura fora da medicina. Participou de sessões espíritas, deixou-se benzer e sempre acreditou e desejou voltar a enxergar, mesmo que fosse por meio de milagres que sempre pediu a Deus.

Quando perdeu a visão, era época de ir para o Colégio Normal e ela foi imediatamente, porque não queria perder tempo. No colégio, todos os colegas, e muito mais seus professores, não acreditavam que fosse possível

estudar sem enxergar, mas Nowill segura de si, foi mostrando que tudo era possível, o que os deixavam perplexos. Os colegas da sala logo se acostumaram e não a tratavam com diferença. A integração foi completa num período em que a cegueira nem era tão conhecida, quanto mais aceita.

Nowill (1996, p. 7-8) relata que alguns professores, como que num desafio, a integravam em diferentes atividades, sem a preocupação com os resultados, e isso colaborou para que fosse cada vez mais conquistando respeito bem como criando oportunidades para outras mulheres cegas.

No ano de 1987, na cidade de Florianópolis, foi realizado o *I simpósio sobre mulheres cegas*, e as que dele participaram, apresentando trabalhos eram deficientes visuais: cegas ou portadoras de visão subnormal. Os temas apresentados mostraram um pouco da vida dessas mulheres frente a toda diversidade:

- A mulher cega e os cuidados pessoais com a aparência;*
- A mulher cega como mulher;*
- A mulher cega como mãe;*
- A mulher portadora de visão subnormal e o exercício profissional;*
- A mulher cega na vida diária;*
- A mulher cega no esporte;*
- A mulher cega como profissional .*

Percebe-se nesses temas a preocupação da mulher cega com a sua condição estigmatizada, o que não a deixa inerte, porque acredita que a limitação visual não é inutilização e nem atrofia do cérebro como alguns ainda pensam.

Enquanto partes de uma sociedade preconceituosa, que valoriza determinados padrões de beleza e inferioriza aos que deles fogem, devemos reavaliar a nossa conduta diante da diversidade, porque com a chegada do novo milênio, apesar de tantas lutas por mais igualdade, pode-se esperar um retrocesso e aumento da discriminação; as mulheres estão avançando em muitas frentes de trabalho ameaçando a supremacia dos homens que ainda se consideram líderes em muitas situações e profissões. A tradição de cultura possibilita essa projeção.

Moreira (1987, p. 6-7) em trabalho apresentado no *I Simpósio da mulher cega*, mencionou que suas vidas são muito difíceis, devido aos preconceitos, que quase sempre começam dentro do lar, com seus familiares,

desgostosos de terem um parente cego; para ela é a família que estende o preconceito à sociedade.

Como dona de casa, Moreira sempre valorizou os avanços tecnológicos que vieram a facilitar a vidas das mulheres que realizam as tarefas do lar e espera que muito ainda seja feito. Deseja, inclusive, que fabricantes façam catalogação e manual de funcionamento dos equipamentos em Braille. Isso talvez seja utópico, mas algumas funções dos aparelhos eletrônicos podem ser escritas por pessoas que conheçam o Braille e pelas próprias donas de casa. Esse procedimento, praticado nos lares de muitas mulheres cegas, tem viabilizado melhor desempenho nos afazeres, evitando que salguem o que deve ser adotado e vice e versa.

Na oportunidade do evento, Moreira mostrava-se muito pessimista com a condição profissional da mulher cega, não acreditando que um dia lhe dariam crédito, nem confiariam em suas possibilidades, o que hoje é realidade. A evolução nesses treze anos foi significativa.

Ao contrário da postura de Moreira, Rego (1987, p. 8-10) compara o lar com um outro espaço no qual a mulher cega preparada ativa suas habilidades motoras e criativas, o que servirá de canal para a sua profissionalização e exercício de uma função fora do lar.

Ela explica seu pensamento, exemplificando a atividade de limpar a casa que envolve: varrer, lavar, passar pano molhado e seco no piso; limpar móveis, tirar pó, passar lustra móveis, álcool em vidros, enfeitar colocando toalhas e adornos; arrumar a cama, dobrar e guardar cobertores, trocar lençóis, fronhas, estender colchas; organizar gavetas; limpar fogão, geladeira, pia; colocar louça e talheres em seus devidos lugares; limpar e organizar banheiros, quintal e jardins.... Se ela não souber desempenhar essas atividades da vida diária com destreza e ordem, terá dificuldades em realizar um trabalho formal.

No lar, a mulher desenvolve outras atividades e cada vez com mais facilidade, porque longe está o tempo em que tiravam água dos poços, cortavam lenha para acender o fogão ou mesmo lavavam roupas no riacho.

Para Moreira (1987), a mulher, após perder a visão, deve passar pela reabilitação tão logo quanto seja possível, porque como processo social composto de atividades coordenadas num contínuo de ajustamentos, devolve ao indivíduo a dignidade humana e o direito a viver com mais qualidade, realizando atividades que forem necessárias.

A reabilitação possibilita que a pessoa tenha uma participação mais ativa, do ponto de vista social e do profissional. Oportuniza ao deficiente serviços especializados que incluem o método Braille, orientação e mobilidade, atividades de vida diária, incluindo higiene pessoal, socialização, preparação para o trabalho, profissionalização e inserção no mercado de trabalho.

As mulheres ainda não são maioria nos centros de reabilitação e isso talvez aconteça devido ao preconceito histórico de que lugar de mulher é dentro de casa, pilotando fogão e tanque de lavar roupa, ou então em instituições que as segreguem, impossibilitando-as de viver integradas na sociedade (Aguero, 1956, p. 43-6).

Profeta (1994, p 45) confirma essa informação por ter realizado uma pesquisa com homens e mulheres que frequentassem ou não centros de reabilitação, escolas e diferentes instituições para deficientes visuais, oportunidade em que procurou saber da necessidade ou não dos centros para adquirirem, principalmente, locomoção independente.

Isso pode vir acontecendo não por a mulher ser cega, mas porque a velha história de deve ficar em casa a acompanha. Então ela se exclui não por ser cega, mas por ser mulher, embora muitas não admitam isso. As mulheres estão ousadas, não querem mais ficar em casa, desobedecem aos pais e aos maridos, deixam seus filhos com empregadas, com os avós e vão cuidar da pele, do corpo, dos cabelos. De um lado estão as mulheres pretendendo ocupar lugares antes tidos como dos homens e do outro eles não estão dispostos a aceitarem essa invasão feminina. Conviver com a mulher pública, televisiva, que está nas primeiras páginas dos melhores jornais e revistas, será difícil para esse segmento machista e conservador.

Belotti (1987, p. 15) informa que pelo menos do ano de 1956 para cá o preconceito deveria ter diminuído, porque naquele ano descobriu-se a existência de espermatozoides portadores de cromossomos X e espermatozoides portadores de cromossomos Y e, por isso estranha-se que às portas do século XXI, a discriminação seja ainda tão forte que os homens culpam as mulheres por darem a luz a meninas e as levam a pedir desculpas a eles, como se tivessem cometido pecado. Para a autora “os preconceitos têm raízes profundas nos costumes, desafiam o tempo, as retificações, os desmentidos, por apresentarem uma utilidade social”.

O preconceito é tanto, que por anos foi vedado à mulher o direito de ser pública e Perrot (1998, p. 8 ) deixa muita clareza em relação a isso quando apresenta em uma de suas obras um quadro retratando a silhueta de uma mulher ao lado de um homem, na rua, sob um guarda-chuva. Reforça nessa cena a presença da mulher, mas mesmo assim, há dúvidas quanto à fidedignidade da imagem. E o quadro é intitulado *Homme et femme sous un parapluie* de Gustave Caillebotte (1848-1894).

Para Pitágoras, isso é inviável, porque *uma mulher em público está sempre deslocada*. Nesse período os homens associavam às mulheres idéias de desordem, selvageria e uma sensibilidade pouco racional e ameaçadora. Para eles se ela aparecesse a noite, seria uma feiticeira ou cortesã. Imaginem aceitar entre os homens e nos lugares públicos uma criatura como Eva, que desafiou a ordem de Deus, a ordem do mundo (apud Perrot, 1998, p. 8)

Homens como Gustave Le Bon, Gabriel de Tarde, Hippolyte Taine, chegavam a atribuir às mulheres os excessos das revoluções. Segundo eles, as mulheres deveriam ficar em casa, educando seus filhos, servindo aos seus maridos e, assim estariam prestando um grande bem à humanidade ( Perrot, 1998, p. 9).

Com isso, pode-se compreender que o preconceito é muito mais com relação à condição de mulher do que à condição de cega, embora algumas digam que sofrem duplamente a discriminação, o que é também procedente em diferentes oportunidades, porque ao competir com uma mulher normal a cega dificilmente vence, independente da capacidade. Todavia, em relação ao homem negro isto também acontece: ele pode ter a mesma formação que uma mulher branca, mas competindo, perderá. Isso pode ser verificado em pesquisas do IBGE, conforme artigo publicado por Torres (1998, p. 3).

A mulher cega que vai competir no mercado de trabalho tem de ser melhor que a vidente. Deve estar muito mais capacitada para ocupar uma vaga. Além disso, deverá se apresentar bem vestida, falar num tom de voz baixo, saber gesticular com elegância e, só quando estritamente necessário, ser independente em sua locomoção, higiene pessoal, comunicação escrita e falada, ter cabelos e dentes muito bem cuidados. Poder-se-ia dizer que não é nada diferente do que exigem das outras mulheres? Errado. Sabe-se que não se exige tanto da outra mulher, principalmente se ela for sexy.

Pensando nessa diferença é que Oliveira (1987, p. 10-2), como



mulher cega, trabalha com a questão da aparência, valorizando sem excesso as boas maneiras, etiqueta social, porque esses componentes são muito avaliados numa mulher e em especial nas cegas. Ela adverte quanto aos exageros no falar alto, gesticular demais, tocar continuamente nas pessoas com as quais interage, mexer demais nos cabelos, roer unhas, brincar com as jóias que usa, morder os lábios, torcer as mãos, segurar o queixo ou o rosto. Comportamentos como esses são condenados socialmente.

É importante tratar desse assunto com a mulher cega objetivando minimizar as dificuldades que encontram em seu caminho, enquanto buscam a auto-realização. A mulher cega precisa saber impressionar, seduzir com elegância, sem um único sinal de volubilidade ou vulgaridade, mas para isso tem de contar com a ajuda de pessoas que enxergam para auxiliá-la na compra e organização de suas roupas, objetos de maquiagem, calçados, roupas íntimas, permitindo com isso que se apresente de acordo com as convenções.

Para que tudo ocorra de forma tranqüila, a mulher cega deve conhecer bem o seu corpo e suas possibilidades e para isso necessita saber tratá-lo, principalmente com uma boa alimentação. Precisa ter consciência de tudo que pode fazer com e pelo seu corpo.

Nunes (1987, p. 13-6) considera importante que os centros de atendimentos, de reabilitação e instituições para as mulheres cegas, promovam cursos ou palestras que as orientem nos cuidados com o corpo e com a aparência e pensa ser indispensável que se tenha ginástica estética, porque ajuda a relaxar e dar boa forma ao corpo, proporcionando movimentos leves e agradáveis, tornando-as mais sensuais, porque a mulher cega pode e deve ser sexy, bonita, sedutora...

Para que a mulher se torne bonita, desejável, ela precisa praticar esportes e por isso, Vieira (1987, p. 7) foi umas das primeiras cegas a ser atleta. Ela enfatiza o esporte e analisa a mulher nesse ponto de vista, porque acredita que ele seja um forte elo de inteiração entre as pessoas, uma vez que enquanto o praticam não se alienam e não se discriminam. Ela sempre praticou natação e ganhou dezoito medalhas em sete Olimpíadas de Deficientes Visuais em que participou nos diferentes Estados brasileiros. Lembra que nunca esteve em uma escola de natação e que todo o seu conhecimento e prática foram adquiridos nadando em um rio que passava próximo à sua casa.

O esporte é muito utilizado entre os deficientes por ser saudável,

por aproximar as pessoas, por proporcionar um grau elevado de segurança e independência facilitando a interação com novos amigos e permitir moldar o corpo da forma que mais se desejar. Hoje, de maneira em geral, as mulheres cegas praticam as mais diferentes modalidades esportivas e participam de Olimpíadas de e para deficientes em nível internacional.

Para muitas pessoas a mulher deficiente visual, seja atleta, dona de casa ou profissional no mercado de trabalho, não tem capacidade para ter namorado, casar e constituir família, como se sua limitação visual a impedisse de ter sentimentos que não sejam rejeição e complexos.

Nowill (1996, p. 61) confirma essa preocupação da sociedade ao informar que “parece divagação toda essa preocupação sobre o meu trabalho, o meu relacionamento com meus filhos e os meus deveres de mãe e esposa”. Ela ouve pessoas, mas não se deixa influenciar e nem pensa em parar de trabalhar por causa dos filhos, netos e marido, até porque, são eles seus maiores incentivadores.

Navas (1987, p. 15) alerta as mulheres para que não se deixem influenciar pelas que não se valorizam, que não têm charme, que não sabem seduzir, senão também serão amargas, tristes e insatisfeitas. Reforça a tese de que a mulher deve ter graça, sexualidade, ser sensível sem ser fraca e não perder a feminilidade ao competir com os homens na luta contra a discriminação. Adverte que se as mulheres perderem o assédio masculino estarão dando margem ao aumento do chamado terceiro sexo, que originou a queixa feminina: *Há poucos homens no mundo.*

A autora faz considerações bem humoradas, sobre a questão de gênero:

A mulher cega, se capaz, transforma um homem desajustado, inseguro e incerto, no mais íntegro, confiante e seguro de si.

A mulher cega inteligente, manda no homem, sem que ele perceba, sem humilhá-lo, sem modificá-lo e sem diminuí-lo perante quem quer que seja. Ela eleva e exalta o homem aos mais altos degraus de sua vida. (Navas, 1987, p. 16).

A mulher, diz o escritor francês Victor Hugo, “*Está onde começa o céu, por isso, ela faz quando boa e capaz, da vida do homem um paraíso ou o pior dos infernos*” (apud Navas, 1987, p. 16).

Como com as demais mulheres, se surgir na vida da mulher deficiente alguém interessante a quem ela queira unir-se e ter filhos, a relação será bem vinda; todavia, não é vital para algumas, mas outras se desesperam por não terem um parceiro.

Embalando o berço, a mulher embala sonhos que tem para o seu filho. Com a cega não é diferente. A nova experiência não fará com que ela desista de cuidar e educar sua criança devido à sua limitação, porém nem o fascínio nem o egoísmo poderá impedir que faça tudo organizada e seguramente, para o que necessitará de orientação de médicos, amigos e familiares. Não poderá, se não tiver experiência, cuidar sozinha de sua criança por pensar que não confiarão em seus cuidados.

Desde o início da gravidez terá de contar com apoio de outras pessoas. A preparação do enxoval é essencialmente visual e alguém de sua confiança deve estar ao seu lado. Depois vem o primeiro banho, a primeira mamadeira, a primeira papinha e todas as outras necessidades e cuidados que são importantes no trato com os bebês.

Souza (1987, p. 17) foi mãe e, como sua limitação visual a impedia de cuidar do filho sozinha, recebeu todas as orientações do pediatra. Alguns procedimentos não são diferentes daqueles exercidos pelas mães que enxergam. Para saber a temperatura do leite da mamadeira ela a colocava no rosto; quando o bebê tinha assadura, sentia a parte afetada mais quente; se colocasse a criança de bruços e ela parasse de chorar, era cólica. E, assim, foi criando alternativas com a ajuda do pediatra, para cuidar da sua criança sem necessidade de outra pessoa em sua casa.

Uma fase muito difícil, que ela apresenta em seu artigo sobre ser mãe, é a dos passeios nos jardins e parques, porque tinha de manter o filho sempre muito próximo ao seu corpo. Não podia, como as outras mães, observar sua criança brincando. Esse aspecto a deixava triste, mas quando sentia necessidade de a criança brincar com mais liberdade, pedia ajuda a uma mãe que estivesse por ali com seu filho.

Quando engravidou novamente e teve o segundo filho, tudo foi muito mais fácil. A experiência e orientações lhe valeram para cuidar do outro com mais segurança, dando-lhe mais liberdade, mas acrescenta que sua tristeza em relação aos passeios continuou presente.

Nowill (1996, p. 61) teve cinco filhos: três meninos e duas meninas.

Informa que não foi feliz na primeira gravidez porque perdeu o bebê, mas depois com outros cinco filhos recuperou-se daquela perda. Muito corajosa e ousada como ela se afirma, não desanimou diante de tantos filhos para cuidar, trabalho e viagens fora do país; já no segundo banho do seu primeiro filho, assumiu toda a responsabilidade, embora contasse com o apoio do marido, da mãe, empregados e até enfermeiras, recursos que sua situação financeira favorecia.

Sua auto- biografia revela que só parou de trabalhar no período permitido pelas licenças, mas isso não fez com que seus filhos ficassem sem seus cuidados e carinhos.

Em entrevista a Vieira (1992, p. 90-2) revelou que nunca atribuiu um fracasso à sua cegueira e eles foram muitos. Mas em vez de detê-la eles a impulsionavam na busca de conquistas e essas sempre foram maiores que os fracassos.

Quando moça, logo ao perder a visão, Nowill se inscreveu concorrendo a uma bolsa de estudos para os Estados Unidos e foi contemplada. Não perdeu a oportunidade e, juntamente com duas amigas, foi estudar fora do país. Fez cursos de orientação da vida americana em Washington; curso de verão em Ypsilanti, na Michigan States Normal School, perto de Detroit e, posteriormente as sessões de inverno e primavera no Teachers College da Columbia University em Nova Iorque. Nesse período, além de outros cursos, fez contatos com várias instituições para cegos, as quais até hoje ajudam a manter instituições brasileiras que atuam com deficientes visuais.

Nowill é reconhecida entre os cegos, como uma pioneira na conquista por melhores condições de vida a eles e, com um carinho especial, tem se dedicado às causas das mulheres cegas. Dela partiu o primeiro gesto de inclusão, quando se matriculou na escola normal. Estudou com adolescentes e adultos normais e adquiriu por sua conduta, respeito e admiração. Adquiriu notoriedade nacional e internacional e hoje, aos 81 anos de idade, tem 64 anos de luta por melhores recursos e menos preconceitos. Acredita-se, devido ao seu desprendimento que, se não tivesse nascida em um ambiente favorável em recursos financeiros, teria tido a mesma perseverança, porque sua tenacidade e ousadia não a impediriam.

Como toda a mulher que perdeu a visão, Nowill sempre esperou um milagre e isso é confirmado em uma entrevista dada para Vieira (1992, p. 91):

Se por um lado, jamais me revoltei contra o destino, por outro lado nunca deixei de rezar pelo milagre de recuperar a visão, e concluí até hoje rezo. Queria muito dar uma voltinha pelo mundo.

Todos que a conhecem entendem que essa *voltinha* teria de ser enxergando, porque como cega, já a fez.

A luta das mulheres cegas não tem sido muito coesa. Há muitos grupos isolados, por falta de comunicação e distância de localidades, mas ainda assim, quando há alguma conquista, imediatamente, em qualquer lugar, alguém será beneficiado porque as notícias se espalham rapidamente e as necessidades são semelhantes, por isso não se solidificam em grandes associações, o que para Belarmino (1997, p. 56) deveria acontecer, considerando que as lutas isoladas perdem força e podem provocar o eco das próprias reivindicações.

No novo milênio, as mulheres cegas conhecerão, devido aos avanços tecnológicos, recursos que a trarão para o centro das atenções do mundo. Não está longe o dia em que elas estarão exercendo profissões em grandes empresas, estarão na mídia e ocuparão posições antes nunca imaginadas. Neste século XX, pode-se constatar seu crescimento social e profissional, todavia, há muito para ser feito.

Para demonstrar como houve evolução com o passar dos séculos, ainda que insuficiente, Belarmino (1997, p. 35) relembra que no século XVII, a possibilidade da mulher cega alfabetizar-se era por meio de letras fundidas em metal, cujos caracteres eram recortados em papel o que permitia leituras de pequenos textos. Um outro sistema era o dos alfinetes espetados em almofadas formando letras do alfabeto, que permitiam a leitura tátil. Mas essas possibilidades eram privilégios para os mais afortunados, tanto que pelo dos alfinetes Maria Teresa Von Paradies, uma aristocrata francesa cega foi alfabetizada e fez todo o seu aprendizado. Tornou-se uma famosa pianista e, pelo método das letras fundidas outra mulher cega da aristocracia francesa, Mademoiselle Palignac, também alfabetizou-se.

Pelos métodos descritos, nem se poderia pensar em ter um livro para cegos. O primeiro livro em relevo só foi escrito no último quarto do século XVIII.

Hoje, final de XX e chegada do XXI, a informática revoluciona e faz recuperar o tempo que se perdeu com recursos primitivos e ineficientes e a cada invenção, pensa-se na mulher deficiente visual. O avanço tecnológico as

coloca diante de equipamentos que superam até mesmo o método Braille, porque nos novos canais de comunicação oral e escrita, lhe é possibilitado ouvir por meio de uma sonorização, bastando para isso usar um kit de software acoplado ao seu computador.

Esses sistemas estão disponíveis em poucos centros de atendimentos, instituições e escolas do Brasil, e a ampliação está sendo viabilizada pelas mulheres e homens deficientes visuais.

Refletindo-se sobre o posicionamento das mulheres deficientes visuais participantes deste texto, vislumbra-se que no próximo milênio terão grandes realizações, o que obrigará a sociedade a repensar seus valores preconceituosos, porque a diversidade e a discriminação não impedirão que continuem na luta como cidadãs que têm direito a mais respeito e dignidade, mesmo que para isso tenham de fazer valer o que lhes assegura a Constituição do país e mesmo para mudar leis, normas e convenções, como vêm fazendo as mulheres que se locomovem com cães guias, em relação aos locais nos quais são impedidas de entrar com eles.

O novo milênio, que chega com o século XXI, será das mulheres que acreditarem em seu potencial, tendo a consciência de que as realizações humanas acontecem no nível das idéias. Portanto, faz-se necessário que se instruem, conheçam toda a tecnologia que lhes possibilitará valorização pessoal no seu importante papel social frente à diversidade, num século que, como a mídia prevê, será das mulheres.

### **Referências Bibliográficas**

- AGUERO, D. S. Y de. Filosofia da reabilitação. New York: 1956. p.46-53.
- BELARMINO, J. Associativismo e política: luta dos grupos estigmatizados pela cidadania plena. João Pessoa: Idéia, 1997.*
- BELOTTI, E. G. *Educação para a submissão*. Petrópolis :Vozes, 1987.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- MOREIRA, M. M. S. A mulher cega na vida diária. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA MULHER CEGA, 1, 1987, Florianópolis. *Anais...*São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1987. p.6-7.

- NAVAS, L. P. A mulher cega como mulher. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA MULHER CEGA, 1, 1987, Florianópolis. *Anais...*São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1987. p.15-16.
- NOWILL, D. ...E eu venci assim mesmo. *São Paulo: Totalidade, 1996.*
- NUNES, M. T. P., OLIVEIRA, R. F. C. A mulher cega e os cuidados pessoais com sua aparência. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA MULHER CEGA, 1, 1987, Florianópolis. *Anais...*São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1987. p.10-12.
- OLIVEIRA A mulher cega e os cuidados pessoais com sua aparência. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA MULHER CEGA, 1, 1987, Florianópolis. *Anais...*São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1987. p.10-11.
- PERROT, M. *Mulher pública*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP,1998.
- PROFETA.S.M. Reflexão sobre o atendimento educacional aos deficientes visuais a partir da perspectiva de diretores, professores, alunos e familiares. Marília, 1994. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Filosofia e Ciências – Universidade Estadual Paulista.
- REGO, M. V. R. A mulher cega e suas atividades no lar. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA MULHER CEGA, 1, 1987, Florianópolis. *Anais...* São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1987. p.8-10.
- SOUZA, A R. A mulher cega como mãe. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA MULHER CEGA, 1, 1987, Florianópolis. *Anais...*São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1987. p.17-18.
- TORRES, S. Mulher branca ganha mais que homem negro. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1998.p.3. Cotidiano 3, p.3.
- VIEIRA, A .M. A mulher cega no esporte. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DA MULHER CEGA, 1, 1987, Florianópolis. *Anais...* São Paulo: Fundação para o Livro do Cego no Brasil, 1987. p.17-18.
- VIEIRA, I. Dorina Nowill: longe da escuridão. *Revista Cláudia* (São Paulo), p. 90-2, 1992.